

Uma peça irresistível, e sem descrição possível

Produzido pelo mítico teatro de Peter Brook, *Sem tambor*, de Samuel Achache, triunfou na edição 2022 do Festival d'Avignon. Reunindo um *ensemble* de cinco músicos, três actores e uma cantora lírica, Achache resgata Schumann para nos falar do amor – ou do seu fim. 'Sem tambor', justamente, é a expressão francesa utilizada para descrever os exércitos em retirada, após uma derrota militar. Amanhã no TMJB.

A dada altura, uma personagem de *Sem tambor* pergunta a outra: "Sabe música?". E a outra responde, meio agastada: "Essa pergunta é demasiado íntima". Atirando-se àquele que será porventura o tema mais batido da criação ocidental – o amor, pois então –, Samuel Achache serve-se do célebre casal trágico Tristão e Isolda para "destruir as canções de amor, que são veículo do desejo", segundo nos diz um intérprete. Atacar Schumann, portanto, que é o que faz esse mesmo actor, vestido só com um piano: para o absurdo e o disparate, Achache inspira-se no seu Mestre suíço Christoph Marthaler, também conhecido do público de Almada. Nesta linha, uma marreta pode muito bem interpretar a batida de um coração, devidamente integrada num agrupamento de cordas e sopros.

"Tudo começa com uma derrocada", revela o criador. "Trata-se da derrocada de um casal, da sua casa, e da sua história. Uma vez falam, e noutras cantam – o que, no fundo, é o mesmo.



© Jean Louis Fernandez

O fim da história deles é o início da nossa, que é construída nas suas próprias ruínas". Achache gosta de encontrar constantemente relações novas entre o teatro e a música.

No caso de *Sem tambor*, estão em causa os *Lieder* de Schumann, alegremente privados da sua *gravitas* e declinados em vários *sainetes*. Por detrás do ar um tanto pueril deste espectáculo oculta-se uma espécie de melancolia doce. O palco torna-se (literalmente) num estaleiro em desconstrução per-

manente, composto por pedaços do passado e traços do presente. O canto lírico e os instrumentos musicais surgem das ruínas e parecem renascer, quais fénices, do caos. E a estrutura fragmentada da peça faz-nos mergulhar num caldo de imagens subjectivas, profundas mas fugazes, como pequenas explosões.

Tendo estreado no início de Junho de 2022 no Théâtre National de Nice, esta produção do Théâtre des Bouffes du Nord encontra-se em digressão desde essa altura

e tem merecido rasgados elogios por parte da crítica francesa: "Uma liberdade, uma graça e um humor divertidíssimos" (*Le Monde*); "Achache sobrevoa com mestria uma avalanche de desequilíbrios e assume uma simplicidade por vezes desconcertante, puramente cómica" (*Libération*); "O público desmancha-se a rir, até às lágrimas" (*Radio France*); "Tão engraçado quanto melancólico: os actores e os músicos ficam em total osmose" (*Les Echos*); "Irresistível e impossível de descrever" (*Médiapart*).



© Patrícia Poção

Quixote de Honra

Foi das mãos da Presidente da Câmara Municipal de Almada, Inês de Medeiros, que Hana-ne Hajj Ali, criadora e intérprete de *Jogging*, recebeu ontem na Incrível Almadense, na sessão das 21h30, o Quixote do Espectáculo de Honra deste ano.

Nas palavras de agradecimento, a actriz libanesa relevou "as mulheres que votaram em mim, no

ano passado". De facto, na plateia, maioritariamente feminina, estavam sentadas Catarina Vaz Pinto, Pilar del Río e Maria de Medeiros.

O Espectáculo de Honra é decidido pelo público, em votação, no último dia do Festival: a peça vencedora regressa no ano seguinte. Este ano a tradição manter-se-á, antes da última sessão no Palco Grande.

A língua universal do teatro

Depois de ter vindo pela primeira vez ao Festival de Almada, desde Madrid, já sabia que quando regressasse ia ter muitas perguntas à minha espera. Todos iam querer que lhes contasse a minha experiência, e isso no início deixou-me um tanto apreensiva. Não falo português, e antes de chegar estava realmente preocupada com essa barreira da língua (dizem que o português e o castelhano são muito similares, mas cá para mim vocês percebem-nos muito melhor do que nós a

vocês). Ainda assim, o teatro tem algo de maravilhoso, que não se expressa por palavras, e este Festival comprova-o.

O teatro é presença e energia. O teatro não é só texto, mas também olhares, ritmos, corpos que se tocam — e a forma como o fazem. As palavras só nos separam quando as pessoas não querem entender, e o teatro, como Almada, é o contrário disso. Neste tempo presente, em que há tanto que lutar, o teatro demonstra-nos que a Arte é a melhor forma de estarmos unidos.

A pobreza, os abusos sexuais, o trabalho precário, as alterações climáticas — tudo isso é tão ex-cruciante em Portugal como em Espanha, ou em qualquer parte do Mundo. E usar algo tão belo como um palco para denunciá-lo, e para unir pessoas de procedências e gerações distintas, demonstra que ainda há gente boa, que quer fazer as coisas bem. Os pais, que levam os seus filhos pequenos ao Festival, estão a oferecer-lhes o melhor legado possível: um conjunto de valores e de ensinamentos que nenhuma fronteira poderá deter.

Obrigada, Festival de Almada, por seres um tradutor de consciências. Obrigada, pela magia, a cada um dos que o fazem.



Yaiza Cárdenas, revista *Godot*

“Às vezes também é preciso desobedecer”



Natércia Maia, viúva do Capitão de Abril, esteve ontem no Festival para assistir ao espectáculo *Salgueiro Maia: Cartografia de um monólogo*. No final da representação, foi cumprimentar a equipa do Centro Dramático de Viana.

À saída, e apesar da pressa (tinha de chegar a tempo de apanhar o comboio para casa, em Santarém), disponibilizou-se para tirar

fotografias com quem pediu. Visivelmente emocionada, disse-nos: “Tive o privilégio de ter vivido com ele”. Sobre o espectáculo a que assistira, adiantou que: “Gostei muito e emocionei-me. Dizem sempre que ele era muito cumpridor de todos os regulamentos, e era. Mas há uma coisa que raramente é referida e que ele também dizia: ‘Às vezes também é preciso desobedecer’”.

Marionetas na Esplanada

Amanhã a conversa dos Colóquios na Esplanada será moderada pela crítica de teatro Sebastiana Fadda. O convidado do dia será um marionetista de *La tempesta*, Piero Corbella. A peça, da Compagnia Marionettistica Carlo Colla & Figli (Itália), utiliza a histórica tradução do texto de Shakespeare para a língua napolitana num espectáculo único. Com a voz de Eduardo De Filippo, gravada no seu último ano de vida, *La tempesta* esteve em cena no Fórum Romeu Correia. A paixão de Corbella pelas marionetas nasce durante os anos do ensino secundário. Desde 2000, está a criar um arquivo de informações sobre o tema com Franco Citterio.

O público poderá participar no horário e local habituais, às 18h na Escola D. António da Costa. Haverá ainda uma aparição surpresa.

DEIXA DO DIA

“Quando as críticas são beras Dizemos, com ar ofendido: ‘Que feras! Sou um génio incompreendido!’”

In *Et maintenant, Miss Knife est en couple...*
(Canção *Vida de artista*),
de Olivier Py

AGENDA DE AMANHÃ

15:00 | Curso de formação
O Sentido dos Mestres, com Rui Cardoso Martins
Salão das Carochas

18:00 | Colóquio
Piero Corbella
Escola D. António da Costa

20:00 | Música
Quarteto Paulo Pontes
Escola D. António da Costa

21:30 | Teatro
Sans tambour
Teatro Municipal Joaquim Benite

21:30 | Teatro
Além da dor
Teatro Municipal Joaquim Benite

21:30 | Teatro
Salgueiro Maia: Cartografia de um monólogo
Academia Almadense

RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE
Legumes recheados
Choco frito com salada russa
Caril de grão com arroz de gengibre

AMANHÃ
Moamba de galinha
Dourada no forno
Noodles com couve roxa e couve flor